

A arquitectura das Termas romanas de S. Pedro do Sul

HELENA FRADE *
JOSÉ BELEZA MOREIRA *

As águas medicinais são conhecidas desde tempos remotos, mas foram os romanos quem melhor soube delas tirar proveito para fins terapêuticos, construindo edifícios para o efeito.

Vários são os autores clássicos que se referem às águas medicinais, classificando-as segundo os elementos químicos que entram na sua composição ¹, bem como segundo os poderes curativos e indicações terapêuticas, mas é a *História Natural* de Plínio a obra que mais informações fornece sobre o assunto.

Se os textos dos autores clássicos são uma importante fonte documental para o estudo do termalismo antigo, não são, no estante, a única, uma vez que têm que ser completados pelos dados fornecidos pela Arqueologia. Os vários tipos de tratamentos (ingestão, banho de imersão, de chuveiro ou aspersão, sauna e inalação), são referidos nesses textos, mas é, no entanto, com as escavações arqueológicas que ficamos a conhecer as estruturas que serviam para esses tratamentos e os vários espaços que integravam cada um dos estabelecimentos termais medicinais. Ao contrario do que acontecia nos balneários normais, públicos ou privados, os estabelecimentos termais medicinais romanos não obedeciam a nenhum sistema rígido de construção e organização interna de salas e compartimentos. Nestes edifícios são a localização da nascente, a temperatura da água, os virtudes terapêuticas e os tipos de tratamentos a utilizar que ditam as normas que deverão ser seguidas pelo arquitecto na obra a construir.

* Divisão de Arqueologia da Direcção Regional de Coimbra do Instituto Português do Património Cultural.

¹ As várias classificações e utilizações terapêuticas encontram-se bem sintetizadas na obra de BONNARD (19, págs. 19-29).

Um pouco por todo o mundo romano têm sido identificados e estudados vários balneários medicinais, mas muitos mais haverá ainda por conhecer.

Os vestígios de edifícios termais, de piscinas² ou de templos³ junto de nascentes de águas medicinais são normalmente indícios seguros do seu aproveitamento na época romana. Igualmente o achado de moedas junto das nascentes, oferecidas às divindades protectoras das águas como ex-votos propiciatórios à cura, a identificação e estudo de inscrições, dedicadas às divindades tutelares das nascentes, oferecidas em agradecimento de uma cura, ou referentes a doações a obras relacionadas com o complexo termal, são também muito importantes para a localização dos estabelecimentos termais romanos.

Os estudos e sínteses sobre termalismo romano em Portugal são quase inexistentes⁴. Os dados arqueológicos referentes aos vários estabelecimentos termais são poucos e normalmente incompletos. Provêm de obras efectuadas nos edifícios termais modernos e não permitem a reconstituição das plantas dos edifícios antigos.

Dos cerca de 40 balneários termais com possível ocupação romana que podemos localizar em território português (fig. 1), apenas temos plantas, parciais e muito incompletas de cinco. De outros existem apenas descrições antigas sem quaisquer desenhos ou localizações (FRADE 1990).

O balneário antigo das Termas de S. Pedro do Sul é talvez o que se encontra melhor conservado. Banho, Caldas de Alafões ou Lafões, Caldas do Banho, são os nomes porque foram conhecidas, ao longo dos séculos, as Termas de S. Pedro do Sul, localizadas na freguesia da Várzea, concelho de S. Pedro do Sul, distrito de Viseu.

O que se conhece do espaço termal romano de S. Pedro do Sul situa-se num local aprazível junto da margem esquerda do Rio Vouga. A cerca de 500 metros fica a nascente, de onde a água termal bicarbonatada, fluorada, sulfidrada sódica e fortemente silicatada brota a 68,7°. O imóvel é propriedade da Câmara Municipal de São Pedro do Sul e encontra-se classificado como Monumento Nacional desde 1938.

² As piscinas termais têm várias formas e tamanhos. Por vezes encontram-se, a par das piscinas colectivas, banheiras individuais.

³ E vulgar existem templos junto das nascentes de águas termais, onde era adorada a divindade que os Romanos acreditavam que habitava e protegia o manancial.

⁴ Existem estudos parcelares em MORA (1981) e DIEZ DE VELASCO, (1985). No II Congresso Peninsular de História Antiga foi apresentada por um de nós uma recolha bibliográfica sobre termalismo medicinal romano em Portugal (FRADE 1990).

A arquitectura das Termas romanas de S. Pedro do Sul

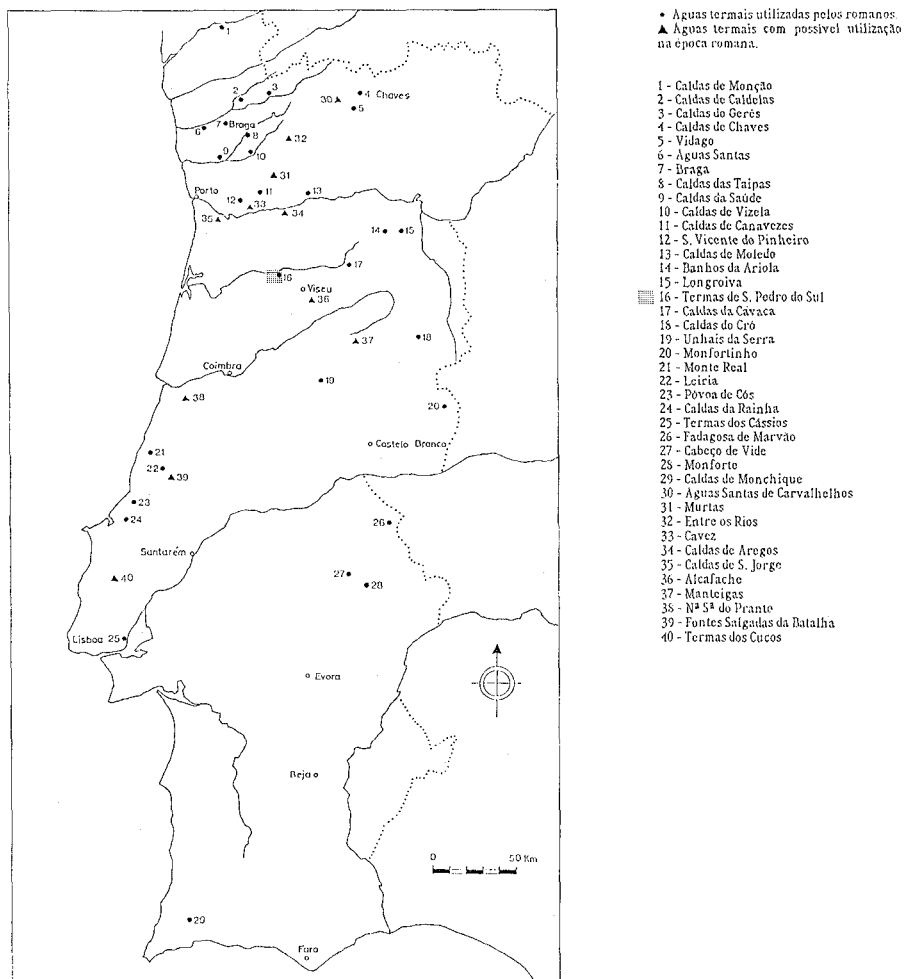


Fig. 1

As escavações que temos vindo a fazer no local têm fornecido elementos extremamente importantes para a compreensão da ocupação daquele espaço ao longo dos séculos.

O edifício, de fundação romana, manteve até hoje grande parte da sua estrutura primitiva. A sua continua utilização como local de tratamentos termais, e a protecção dada pelos monarcas portugueses, ajudou a preservá-lo da destruição ⁵. Mesmo já neste século, e após de ter sido retirada a sua função primitiva ⁶, ele foi ininterruptamente ocupado. Na década de 30 funcionou ali a escola primária ⁷ (lám. 1), e nos anos 70 o espaço era utilizado como café. O abandono e degradação começou nos anos 80, quando apenas servia de arrecadação de barcos.

Os sinais desta longa e diversificada ocupação do monumento ficaram bem marcados um pouco por todo ele, com pequenas modificações como o rasgar de uma porta ou o entaipar de outra. No entanto, a estrutura romana inicial prevaleceu, mantendo-se ainda grande parte da altura das paredes e os arranques das coberturas de época romana.

A utilização romana das águas medicinais de S. Pedro do Sul só foi definitivamente comprovada após a escavação da grande *natatio*, durante os anos 50. Mas, mesmo após esta descoberta, continuou-se a atribuir a D. Afonso Henriques a construção quer da piscina conhecida como «Piscina Afonsina» (P2), quer de grande parte das paredes que a circundam ⁹.

Quando, em 1985 ¹⁰, iniciámos os trabalhos arqueológicos neste monumento, as informações que então tínhamos sobre ele eram diminutas. Das

⁵ O primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, frequentou estas termas onde se tratou de ferimentos recebidos na Batalha de Badajoz. Muitos outros monarcas aqui vieram a banhos, tendo alguns patrocinado obras no edifício.

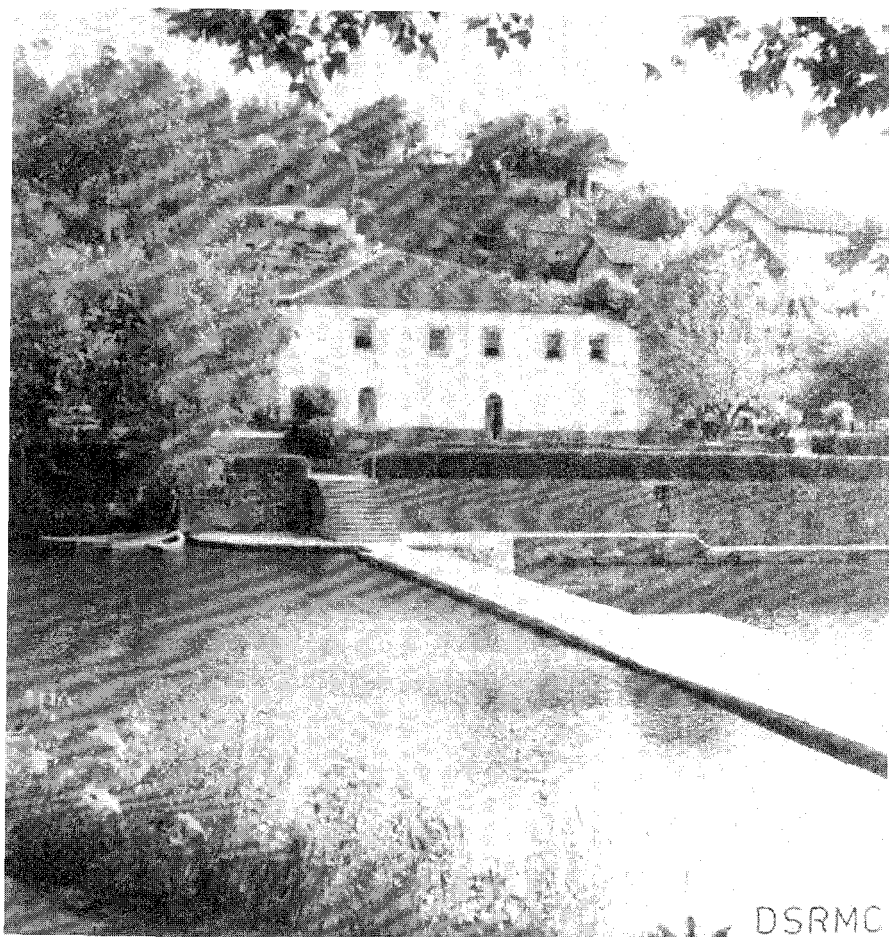
⁶ Com a construção de um novo edifício termal em 1886, as denominadas Termas da Rainha D. Amélia, o edifício antigo foi praticamente desactivado, sendo apenas utilizado para banhos por pessoas de fracos recursos.

⁷ A canalização de água termal que existia ao longo das paredes desta escola, fizeram dela a primeira com aquecimento central. Agradecemos a cedência desta fotografia à Direcção de Serviço Regional de Monumentos do Centro.

⁸ Durante obras junto do velho balneário, foi casualmente encontrado parte de um fuste de uma grossa coluna romana. Esta descoberto motivou as escavações da década de 50, que puseram a descoberto a piscina P1.

⁹ A piscina P2 foi utilizada por D. Afonso Henriques, mas as obras de remodelação da sala onde se encontra esta piscina dever-se-ão, certamente, a D. Manuel I, no séc. xvi.

¹⁰ Face à importância do monumento, e ao seu estado de progressiva degradação, o Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro (do Instituto Português do Património Cultural), iniciou em 1985 trabalhos nesta estação, começando por fazer uma acção de limpeza. Entre 1985 e 1987, em colaboração com os Monumentos Nacionais, foram efectuados trabalhos diversos, no intuito de preparar o edifício e respectiva área, para acções programadas de escavações arqueológicas, as quais se têm vindo a desenrolar desde 1988, em campanhas anuais de um mês, dirigidas pelos signatários.



Lám. 1. Aspecto do edifício quando era utilizado como Escola Primária.

escavações anteriores não existiam quaisquer relatórios dos trabalhos, nem registos com a localização correcta das áreas intervencionadas e, posteriormente, tapadas ¹¹. A bibliografia que refere as descobertas efectuadas apenas descreve a parte monumental dos vestígios encontrados, ou seja, as estruturas da grande piscina então descoberta (P1) e os restos do seu pórtico, ainda hoje visíveis.

¹¹ A identificação das áreas escavadas e posteriormente entulhadas tem vindo a ser feita com as actuais escavações, através da análise estratigráfica.

E em escritos mais antigos que vamos encontrar alguns elementos importantes para a compreensão da evolução deste edifício ao longo de vinte séculos. A referência mais antiga às termas data de finais do séc. xvii e é feita por António Pires da Silva que, como médico, descreve o balneário interessando-se mais pelos aspectos terapêuticos: tipos de banhos e doenças que ali se podem tratar. Atribuí a fundação do estabelecimento a D. Afonso Henriques (SILVA 1696).

No séc. xviii, Francisco da Fonseca Henriques (1726: 19-20) faz uma breve referência a este estabelecimento termal, incidindo sobre as características das águas e a sua utilização terapêutica, sem fornecer grandes elementos quanto ao edifício. No séc. xix, Francisco Tavares (1810), Joaquim Baptista de Sousa (1840a e 1840b), Francisco da Costa Félix (1877) e António d'Oliveira Mascarenhas (1855) dão-nos, uns mais do que outros, informações importantes sobre o balneário de S. Pedro do Sul.

E a partir do início do nosso século, principalmente a partir dos anos 50, que começam a surgir mais notícias sobre este edifício e as suas origens. João Ferreira de Almeida (1930) faz uma síntese do que se conhece, atribuindo a construção do edifício existente a D. Afonso Henriques. Luis Acciaiuoli (1944: II, 29-31 e III, 298-324; 1952-53: I, 305-307), J. Moreira de Figueiredo (1958 e 1970), Lucena e Vale (1949), D. Domingos de Pinho Brandão (1959) ou Eduardo dos Santos (1967 e 1971), são alguns dos autores que escrevem sobre os vestígios romanos deste local, continuando, no entanto, a atribuir a construção de grande parte do edifício existente a D. Afonso Henriques. Mais recentemente, Gloria Mora (1981: 55) e Jorge de Alarcão (1988: I, 114 e II, 4/110) fazem novas sínteses sobre esta estação. Existe ainda uma última referência ao assunto, já com alguns resultados das escavações, em FRADE, 1990.

Estudar um sítio com uma ocupação ininterrupta de quase vinte séculos é já por si só um trabalho complicado. Mas se esse sítio é um estabelecimento termal, em que por um lado, o desgaste natural provocado pela continuada utilização leva a que sejam feitos pequenos arranjos e, por outro lado, o crescente número de utilizadores torna necessário o alargamento do espaço balnear, com a consequente construção de dependências que se vão adossando à estrutura primitiva, respondendo assim às exigências imediatas, aumentam pois os problemas relativos à correcta interpretação e correlação cronológico-cultural do conjunto.

Muitas vezes os registros deixados nas paredes por uma porta que se abre, uma janela que se entaipa, um muro que se encosta a um outro mais antigo, ou um arco que se modifica, são os únicos elementos de que o arqueólogo dispõe para fazer a história do edifício. É que estas alterações podem não exigir que se mexa nos alicerces da estrutura pré-

existente, não havendo assim vestígios estratigráficos das mudanças operadas.

No estudo e escavações arqueológicas que temos vindo a efectuar no balneário das Termas de S. Pedro do Sul, aos problemas atrás mencionados devemos ainda referir a quase ausência de espólio nas camadas estratigráficas relativas às fundações da estrutura romana. A este vazío há ainda que acrescentar as várias campanhas de obras levadas a cabo nos sécs. XVI, XVII, e XIX, modificaram algumas das dependências anteriores e destruíram irremediavelmente, nalguns casos, os vestígios pré-existent.

Se as mudanças, devidas à reorganização do espaço no edificio terminal, fizeram desaparecer bastantes informações sobre a primitiva estrutura de origem romana, não foram menos importantes os elementos perdidos durante as escavações efectuadas na década de 50 e das quais não foram feitos os relatórios nem os indispensáveis registos dos trabalhos.

No Balneário Romano de S. Pedro do Sul podemos, neste momento, individualizar duas grandes fases de obras. E através da análise dos aparelhos construtivos, dos tipos de alicerces e mesmo da relação espacial entre as diversas paredes que conseguimos definir as plantas das duas fases.

Com os elementos até agora recolhidos podemos estabelecer como principais características estruturais, definidoras das construções da 1.^a ou da 2.^a fase, as seguintes:

1. Cunhais e contrafortes construídos com pedras almofadadas (lám. 2), em que as juntas (lám. 3) estão finamente biseladas (1.^a fase).
2. Os caboucos das paredes interiores são de dois tipos; os que tiverem de suportar grandes descargas de forças têm cerca de 120 cm de largura; os outros são constituídos por glandes blocos graníticos, unidos por argamassa (1.^a fase), (lám. 4). Na 2.^a fase os alicerces são feitos quer utilizando grandes blocos de granito (alguns deles resultantes de demolições de estruturas da 1.^a fase), quer envolvendo em argamassa os seixos do rio dos enchimentos da 1.^a fase (lám. 4), quer mesmo criando uma sapata em argamassa muito forte feita com cal, areia, fragmentos de granito e algum, pouco, tijolo moido.
3. Algumas paredes têm cerca de 60/70 cm de largura e são construídas com pedras irregulares, embora com a superfície externa bem afeiçãoada e com as juntas bem calafetadas com argamassa (1.^a fase). Outras são construídas em *opus quadratum* (2.^a fase),



Lâm. 2. *Contrafortes com pedras almofadadas na face externa da parede Sul.*

tendo, de onde em onde, duas ou três fiadas de tijoleiras, que deveriam servir para conseguir um melhor nivelamento das paredes.

4. Os enchimentos dos alicerces são feitos com seixos do rio bem acamados e terras negras bem compactadas (1.^a fase). As áreas abertas para a construção das estruturas da 2.^a fase são cheias com terra amarela arenosa e pedras.
5. As piscinas têm, na 1.^a fase, o fundo, as paredes e as escadas de acesso revestidos com argamassa avermelhada. Na 2.^a fase, utilizam lajes de granito como revestimento.
6. As coberturas na 2.^a fase eram em abóbada.

Estas diferenças entre as duas fases de construção do complexo termal, permitiram-nos já determinar a que fase pertence cada uma das estruturas, elaborar as respectivas plantas, ainda que parciais, e perceber a sua organização espacial.

Assim, na 1.^a fase (fig. 2), o edifício tinha uma piscina interior (P3) e uma grande *natatio* ao ar livre (P1). Esta é um grande tanque rectangular,



Lám. 3. Pormenor das juntas das pedras almofadadas.



Lám. 4. Paredes e alicerces da 1.ª fase, em primeiro plano, e da 2.ª fase, um pouco mais atrás.

cujas medidas são $20,50 \text{ m} \times 9 \text{ m} \times 1,50 \text{ m}$ ¹², com seis degraus em cada um dos topos Norte e Sul (lám. 5). O fundo era revestido a *opus signinum* com meia-cana, conforme vestígios ainda existentes, e as paredes e as escadas eram em granito, não havendo sinais de terem tido revestimento. Esta piscina estava circundada por um pórtico de dupla colunata, de que existem as sapatas, alguns fustes e capitéis jónicos. As colunas situadas junto da parede da piscina têm um módulo menor que as mais afastadas. Consequente seriam mais baixas, o que leva a pensar que o pórtico estava coberto com um telhado (lám. 5) inclinado para o interior do tanque¹³.

Todo este conjunto, da piscina e do pórtico, seria fechado por uma parede existente atrás da 2.ª linha de colunas (as mais afastadas da piscina), e de que ainda há vestígios. A entrada seria a meio da parede Nascente, conforme nos é sugerido por duas outras colunas, situadas um

¹² As medidas são indicadas segundo a seguinte ordem comprimento, largura e profundidade.

¹³ A 1.ª e a 2.ª linhas de colunas distam 3 m entre si, e os inter-colunios medem 5,5 m. As medidas foram feitas a meio das sapatas quadradas. Até ao momento ainda não foi possível identificar qualquer elemento que possa ter pertencido às bases destas colunas.

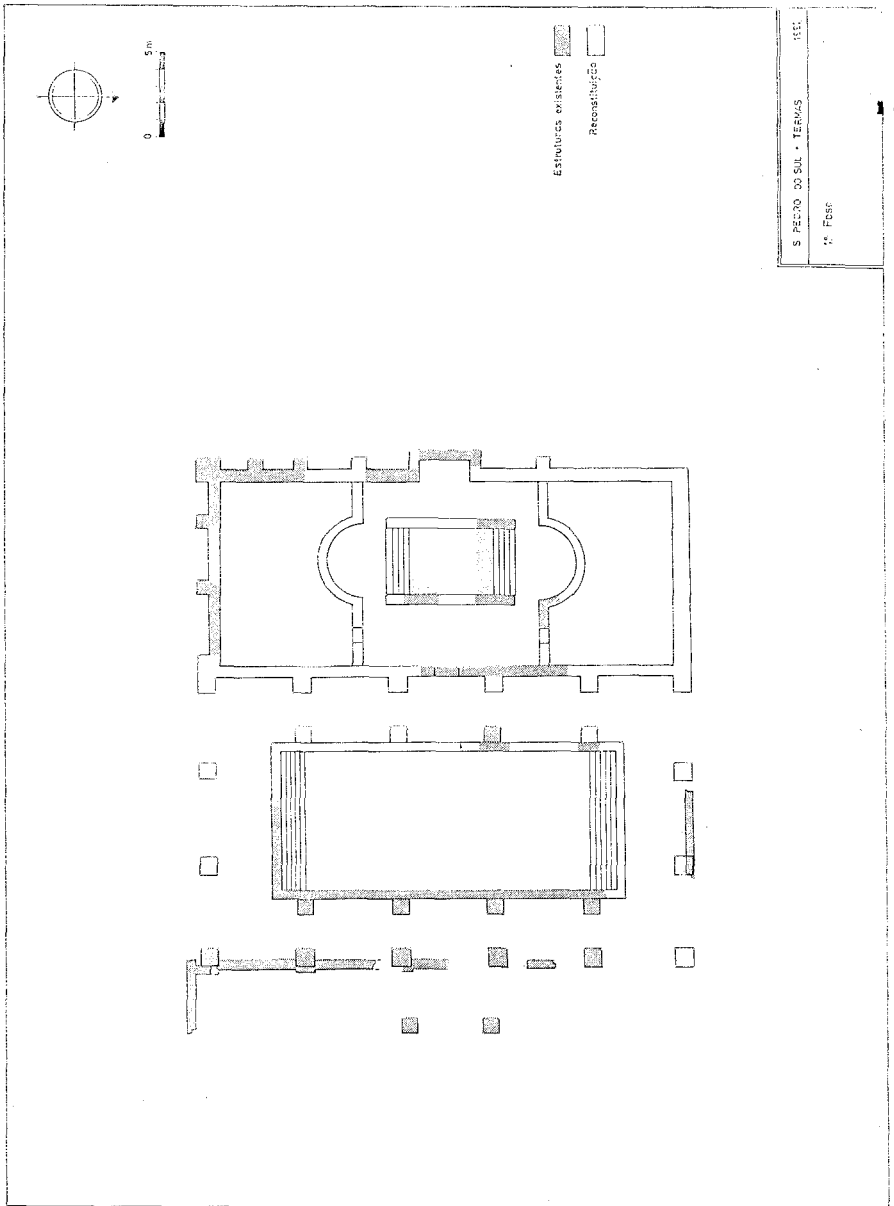
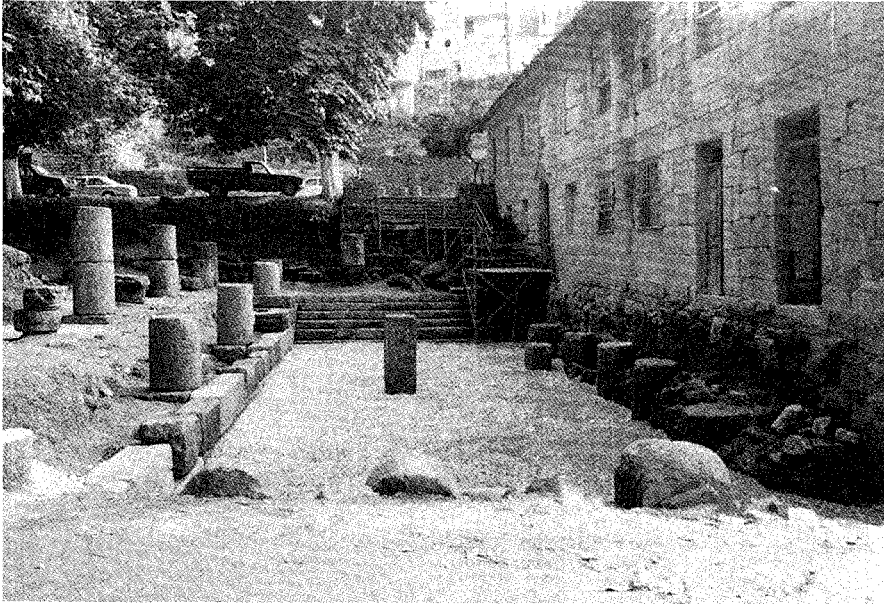


Fig. 3



Lám. 5. Vista da natatio (P1).

pouco afastadas dela, e que possivelmente suportavam um pequeno pórtico de acesso.

A água era conduzida até esta piscina por uma conduta de pedra, entrando pelo seu lado SW. Ainda hoje, a sul do muro B, são visíveis elementos dessa canalização, embora deslocados. As condutas eram formadas por blocos paralelepípedicos de granito, com uma das faces escavada no sentido do comprimento. As tampas seriam blocos semelhantes e, depois de colocadas, formavam uma espécie de bloco único, por cujo interior escavado passava a água.

Por estar a descoberto e por só haver vestígios de uma entrada de água, pensamos que esta *natatio* P1 seria uma piscina de água fria, utilizando água não termal ou água termal arrefecida ¹⁴.

No canto NW desta piscina existem restos de uma comporta que, funcionando pelo sistema de guilhotina num rasgo aberto no granito, fazia o

¹⁴ Esta hipótese só podera ser confirmada quando se realizarem escavações a SW da piscina, no espaço ocupado pela actual capela de Nossa Senhora da Saúde. Então verificar-se-á se a água era conduzida por uma ou duas condutas. Note-se que, devido à temperatura a que nasce, cerca de 70°, a água termal de S. Pedro do Sul só pode ser utilizada depois de arrefecida.

escoamento das águas através de um esgoto até ao rio Vouga. As paredes do esgoto são construídas utilizando o aparelho típico da 1.^a fase, o fundo é revestido com *opus signinum* e é tapado com lajes de granito.

As colunas do portico assentavam em espaços quadrados formados por dois blocos paralelepípedicos de granito, mas os seus alicerces são construídos de modos diferentes. Uns são feitos com grandes silhares e granito, dispostos alternadamente no sentido da largura ou no do comprimento; outros aproveitam os afloramentos graníticos, depois de afeiçoados, e só parcialmente utilizam os silhares (fig. 4); outros ainda são constituídos por pedras miúdas misturadas com terra preta (fig. 4, c. 8a) ou por pedras do rio unidas com argamassa (fig. 4, c. 4b). Este último tipo de alicerce é também o utilizado para a parede exterior do pórtico e para as colunas da entrada (lám. 6; fig. 4, c. 4b). Os enchimentos romanos de toda esta zona são feitos com terra preta compacta (fig. 4, c. 6a), sob a qual existe uma camada de terra preta com muitos seixos do rio (fig. 4, c. 8). O pavimento de *opus signinum* da piscina assenta em seixos de diferentes dimensões dispostos sobre o afloramento granítico.

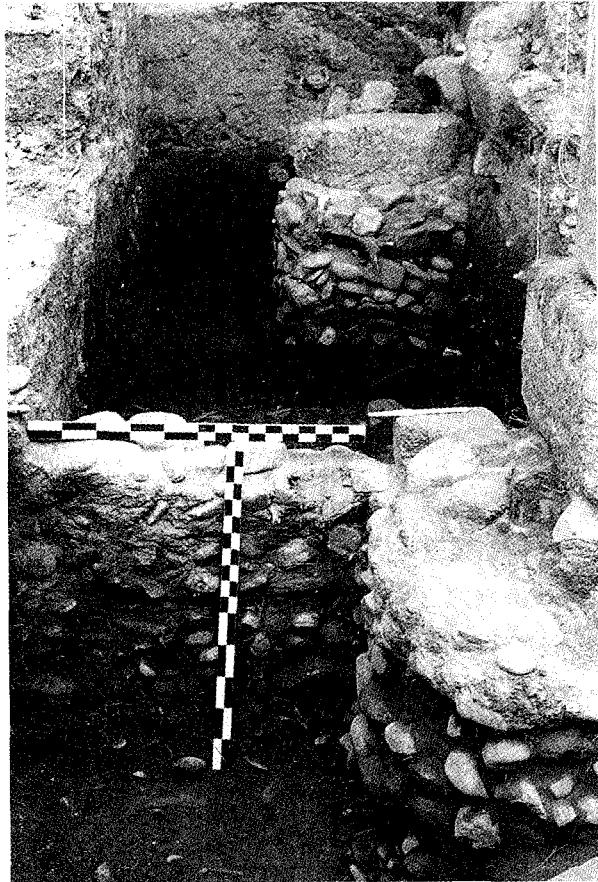
A outra piscina da 1.^a fase, P3, localiza-se no centro de uma sala limitada pelas paredes F e L, a Nascente e a Poente, e por duas ábsides, uma a Norte e outra a Sul. As medidas deste piscina são 7,40 m × 5,40 m × 1,20 m, e a acesso ao seu interior era feito em quatro degraus localizados em cada um dos topos Norte e Sul. Todo o conjunto (paredes, fundo e degraus) estava revestido a *opus signinum* de cor avermelhada e de boa qualidade (lám. 4 e fig. 3).

Apesar de ainda não termos encontrado os vestígios da entrada de águas nesta piscina, pensamos que ela se deveria fazer pelo canto SW. O escoamento situa-se no canto NW, embora ainda não se tenha localizado o esgoto que conduzia a água até ao Vouga.

A Sul e a Norte desta sala deveriam existir dois pequenos espaços que poderiam servir como salas de apoio. Dos seus muros temos ainda vestígios na face externa da parede Sul do monumento, onde ainda são visíveis pedras almofadadas que, como já foi referido, caracterizam a 1.^a fase.

E possível que esta parte do edifício fosse coberta por uma abóbada, mas dela não temos qualquer indício, devido às remodelações posteriormente efectuadas.

As paredes G e J têm alicerces muito largos e as paredes de P3 assentam em grandes blocos de granito unidos com argamassa. O enchimento dos caboucos desta sala na 1.^a fase, é feito do seguinte modo; camadas de terra amarela com pedras do rio de grandes dimensões (fig. 5



Lám. 6. Alicerces das colunas e do muro de fecho do pórtico, constituídos por seixos do rio argamassados.

c. 9a), sobre as quais se encontram outras camadas de terra amarela com seixos do rio mais pequenas (fig. 4, c. 9). Sobre elas dispõem-se várias camadas de terra negra com seixos do rio (fig. 5, c. 8), ou terra negra compacta (fig. 5, c. 6a). O enchimento do interior da piscina P3 era constituído por seixos do rio de grandes dimensões e misturadas com alguma terra castanha escura (fig. 5 e 6, c. 4a) e por terra castanha arenosa com seixos do rio (fig. 5 e 6, c. 4). Pertence ainda a esta fase a camada de terra castanha compacta assinalada na parte Sul do edifício, junto da parede A (fig. 6, c. 6c), e que foi parcialmente cortada por outras camadas resultantes dos enchimentos da 2.^a fase.

A piscina P4 apresenta um revestimento do fundo e das paredes laterais feito com *opus signinum*, muito semelhante ao utilizado em P3 (lâms. 7 e 8). Dela não conhecemos as dimensões totais pois as modificações feitas neste espaço desde a primeira construção até ao séc. xx¹⁵ tornam de momento difícil o conhecimento correcto do seu aspecto primitivo¹⁶. No entanto a comparação do *opus signinum* que reveste P4 com o de P3 (fig. 2), bem como o modo como a parede que limita a Sul P4 se une com o muro da 1.^a fase (muro L), faz-nos pensar que esta estrutura poderá ser um acrescento ao complexo da 1.^a fase, talvez poucos anos após terem sido finalizadas as obras do primeiro balneário. As áreas sondadas quer a Sul quer a Poente desta piscina apresentavam um enchimento, feito nas camadas mais superficiais com terras arenosas acastanhadas (c. 1a e 3b), enquanto que os níveis mais profundos tinham terra preta compacta sem materiais (c. 6a) e terra negra com alguma cerâmica romana muito fragmentada (c. 14) (cerâmica cinzenta fina polida e Terra sigillata hispânica).

As paredes exteriores dos lados Sul e Oeste teriam, nesta 1.^a fase, pequenos contrafortes construídos, a espaços certos, com pedras almofadadas.

Nos finais do séc. I houve grandes obras no conjunto termal (fig. 7). A piscina P3 foi desactivada e substituída pela P2. Esta, de forma rectangular e completamente forrada por lajes de granito, mede 8,20 m × 4,70 × 1 m (lâm. 9). O acesso ao seu interior é feito por 3 degraus de granito, existentes nos 4 lados do tanque. A água é conduzida através de duas

¹⁵ Esta sala, a sala das banheiras, foi utilizada até ao séc. xx, tendo a última grande remodelação sido feita em finais do séc. xix, altura em que uma piscina colectiva (a piscina das mulheres) foi entulhada e todo o espaço foi aproveitado para aí colocar várias banheiras individuais revestidas com azulejos decorados com motivos em tons de azul e branco.

¹⁶ As sondagens que esperamos vir a realizar a Norte de P4 e sob o pavimento de P5 poderão ajudar a definir o limite Norte desta piscina.

A arquitectura das Termas romanas de S. Pedro do Sul

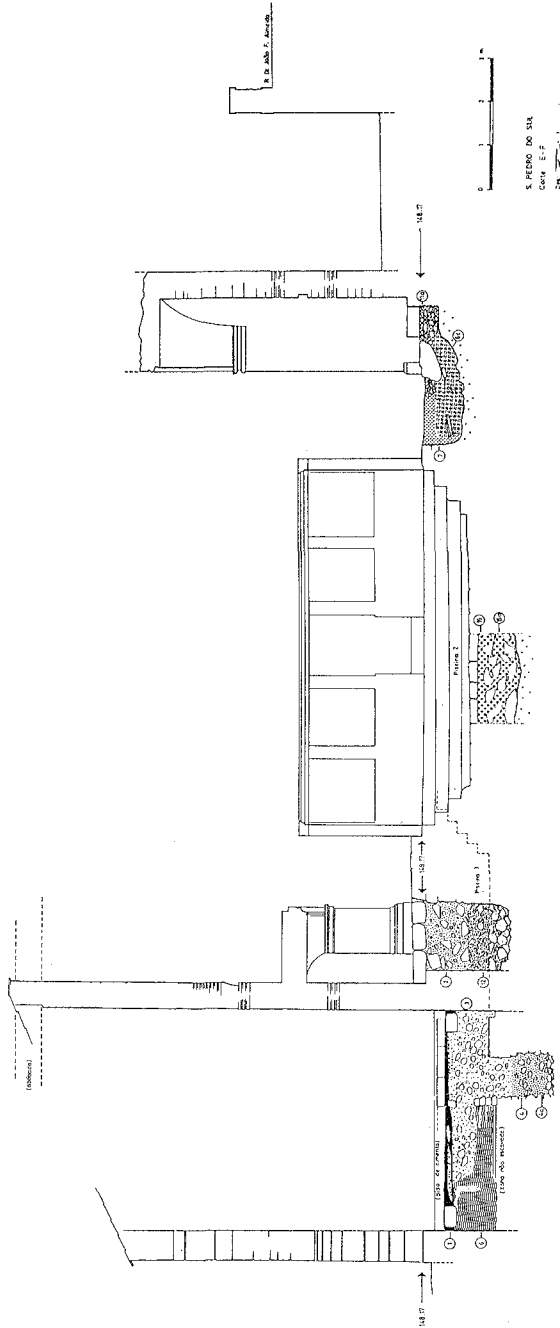


Fig. 6

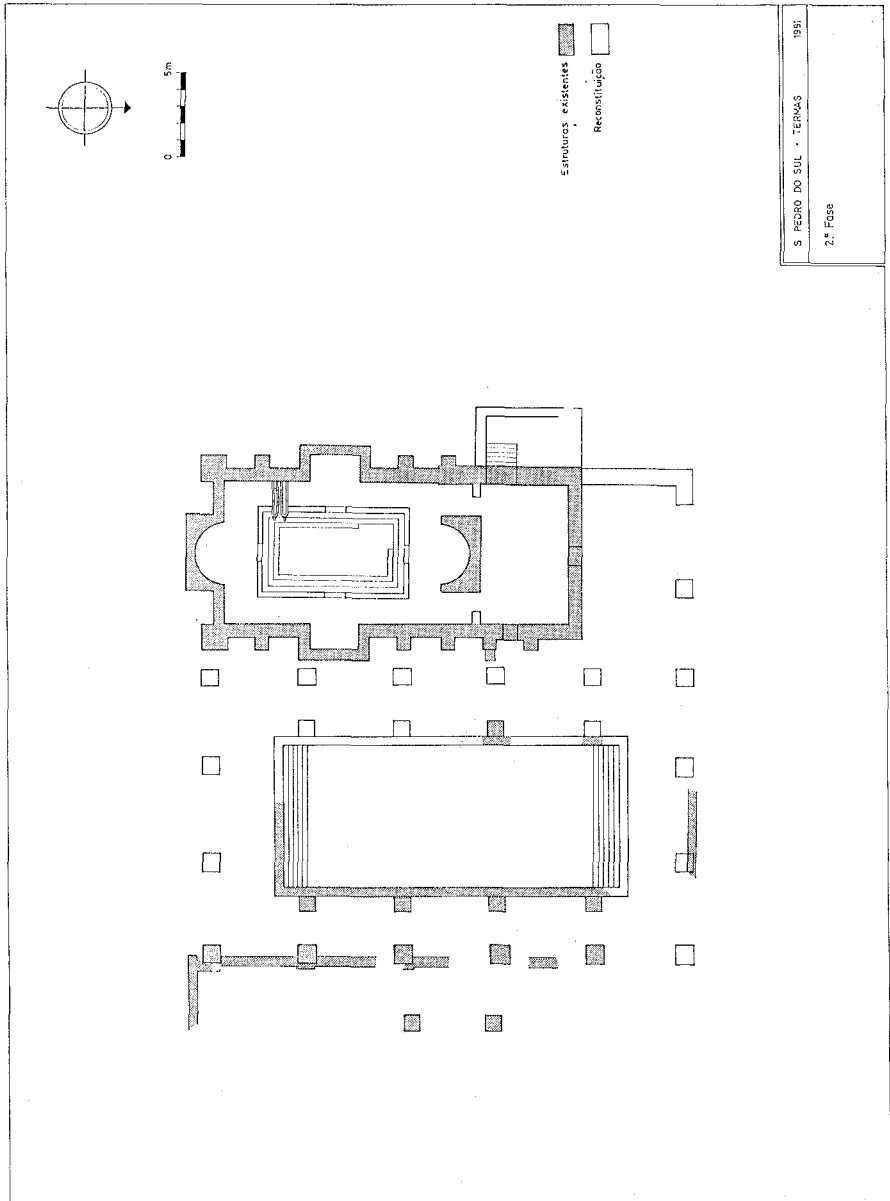


Fig. 7

A arquitectura das Termas romanas de S. Pedro do Sul

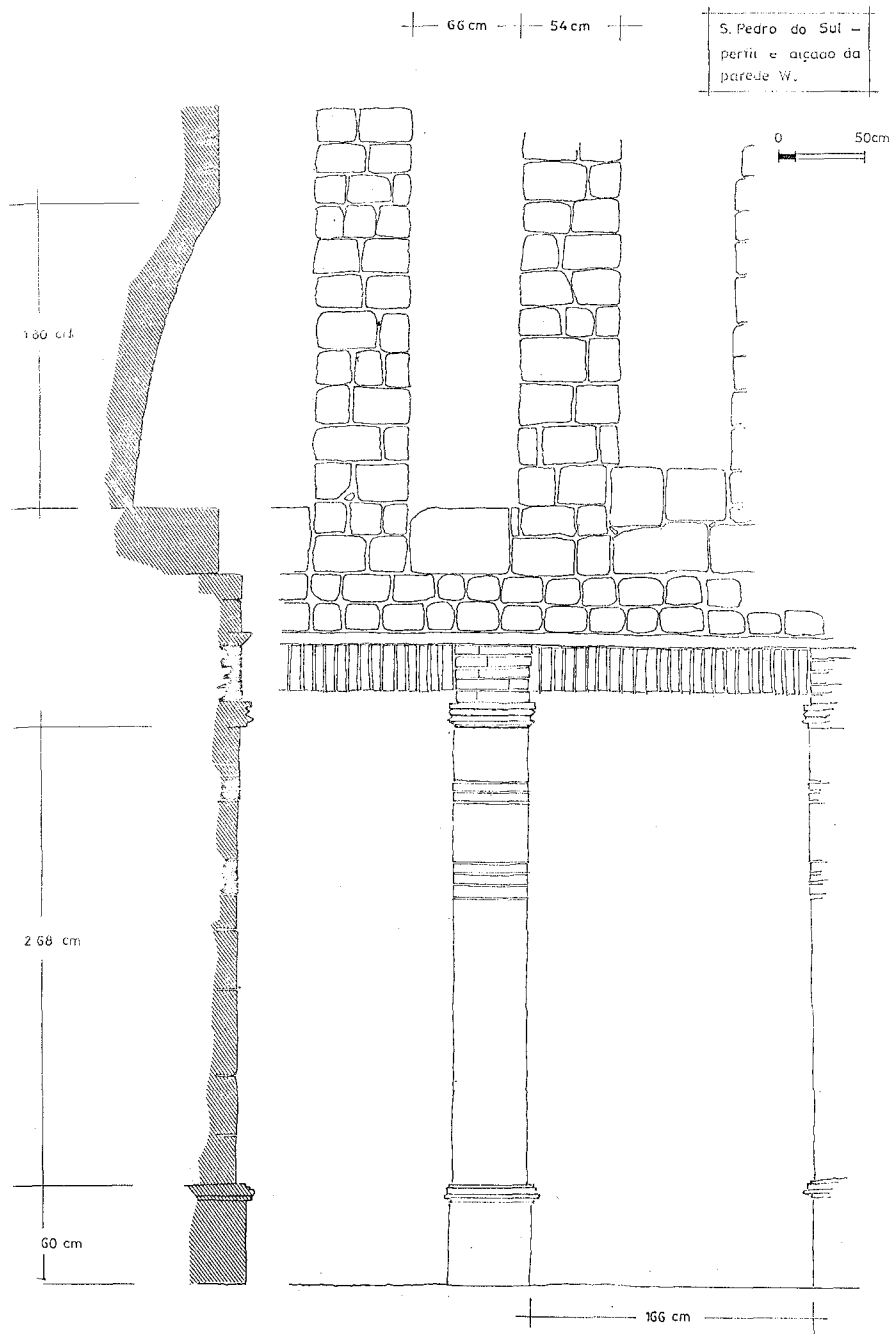


Fig. 8



Lám. 7. Sala das banheiras, vendo-se as estruturas de P4 e P5.

condutas, uma de água fria e outra de água quente. A parte terminal de uma das condutas é um focinha de animal esculpido no granito.

Na parede Oeste do tanque existe um cano-ladrão, permitindo o escoamento do excesso de água, que subia de nível quando alguém entrava na piscina. Permitia também a limpeza natural de cabelos, gorduras e outras impurezas que houvesse na superfície da água.

Este cano ladrão está directamente ligado ao esgoto da piscina, que se situa no seu canto SW e ainda hoje funciona, levando as águas para o Rio Vouga (lám. 10). O esgoto tem as paredes feitas com blocos de granito, o fundo é revestido com *opus signinum* e a tampa é constituída com grandes lajes de granito.

O pavimento da sala onde se situa P2 é constituído por lajes de granito assentes sobre uma camada de argamassa e pequenos seixos do rio.

Uma abóbada de berço fazia a cobertura da sala (lám. 11). As paredes são feitas de *opus quadratum*, com algumas fiadas de tijoleira em determinados pontos (fig. 8). Estas 2 ou 3 fiadas de tijoleiras, que teriam uma função técnica e não estética, contribuíam para o nivelamento das paredes, aspecto importante para um correcto lançamento da abóbada. Na pa-



Lám. 8. Pormenor dos vestígios de P4. Note-se o revestimento de opus signinum no fundo e na parede.

rede Oeste, que conserva ainda toda a estrutura romana, é possível ver, até meia altura pequenas pilastras dispostas a intervalos regulares, constituídas por blocos de granito aparelhados. Por cima destas pilastras e em toda a parede existe uma fiada de tijoleiras postas verticalmente, sobre a qual se iniciam os arranques dos arcos das abóbadas (lám. 12 e fig. 8).

Ao centro de cada uma das paredes desta sala havia uma ábside. A Norte e a Oeste foram transformadas em nichos de arcos abatidos, embora na parte superior da parede Norte se conserve ainda o registo da estrutura de tijolo que formava a cúpula da ábside. A Sul, foi aumentada em altura, mas conserva a estrutura original até ao arranque da cúpula, enquanto a Este apenas ficou o registo da ábside na parede, tendo sido aberta uma porta no seu lugar.

O acesso a esta sala de P2 é feito por duas portas existentes na parede Norte, uma de cada lado da ábside. Delas ainda é possível ver o pé direito e o limita do arcos romano de volta perfeita, que posteriormente foi alargado e transformado em arco abatido. O espaço limitado pelas paredes D, E, A e C, onde na 1.^a fase se situava parte de P3, foi na 2.^a fase entulhado e poderá ter servido de *apodyterium*. Esta sala, coberta



Lám. 9. Piscina da 2.^a fase (P2).

por uma abóbada de berço, tem a estrutura das paredes em tudo semelhante à já descrita para a sala de P2. Existiam aqui cinco portas: as duas de acesso a P2, uma na parede A e que poderia servir de ligação a P1, uma na parede C por onde se entrava para P5 (resultante da remodelação de P4), e, finalmente, uma outra na parede Norte, virada ao rio Vouga, e que faria a ligação com o exterior, sendo uma das portas de entrada. De todas, é a que mantém a estrutura original completa. Tem 1 m de largura, as ombreiras são feitas com grandes silhares de granito, e é rematada por um arco de volta perfeita, construído com sete aduelas também de granito (lám. 13).

A Oeste desta sala e na zona da piscina P4, já anteriormente referida, existe P5 (lám. 7). Esta piscina, que resulta certamente de um aumento e remodelação de P4. Utilizada certamente como a piscina das mulheres referida nos documentos medievais, a interpretação desta zona é bastante complicada pelas obras e remodelações que sofreu, pelo que ainda não temos elementos muito precisos quer sobre o tipo de sala, tipo de cobertura quer mesmo relativamente à circulação no seu interior (fig. 7).

Os enchimentos desta 2.^a fase, e face à ausência de qualquer espólio, foram definidos quer pelo modo como se sobrepõem aos estratos defini-



Lám. 10. Pormenor do esgoto e do cano-ladrão no canto SW de P2.

dos nas estruturas da 1.^a fase, quer pela maneira se articulam com as paredes da 2.^a fase ou enchem as estruturas da 1.^a fase que foram desarticuladas na 2.^a fase. Assim, consideramos como pertencentes a 2.^a fase a camada de terra preta com linguetas de areia (figs. 5 e 6, c. 6), que se sobrepõe ao c. 8 da 1.^a fase, e aparece encostada às fundações das paredes A e E. Note-se que na zona onde se vão erguer as paredes da 2.^a fase foi lançada bastante argamassa sobre o estrato 8, constituído por terras pretas com muitos seixos do rio, de modo a criar uma base sólida para as paredes a construir. É esta a razão pela qual o estrato 8 da, da 1.^a fase, não foi mexido na 2.^a fase. A camada de terra amarela arenosa, bem prensada existente nalguns pontos entre os muros A e F, e G e E (fig. 5, c. 7), e junto da parede Sul de P2 (fig. 6, c. 7) é resultante das obras da 2.^a fase. Note-se como esta camada e a camada de argamassa com tijolo moído e pedras (fig. 6, c. 11a) também enquadrável na 2.^a fase, e que existem na parte Sul de P2, cortam e se encaixam na camada 6c, pertencente aos enchimentos da 1.^a fase.

Os enchimentos existentes na parte inferior da ábside Norte (fig. 6, c. 12) e no interior de P2 (fig. 6, c. 15 e 15a), são provenientes dos trabalhos da 2.^a fase.



Lâm. 11. Pormenor da curvatura da abóbada romana.



Lâm. 12. Aspecto da parede Oeste da sala de P2.

A camada de areão (fig. 4, c. 1g) existente na parte E de P1 é posterior às escavações dos anos 50, enquanto que a terra negra (fig. 5, c. 1), a terra castanha com pedras (fig. 4 e fig. 5, c. 1.^a), a terra amarela arenosa com seixos do rio (fig. 5, c. 1b), a terra castanha arenosa com seixos do rio, blocos de granito e fragmentos de *opus signinum* (fig. 5 e fig. 6, c. 2), a terra castanha com blocos de granito e alguma seixos do rio (fig. 5, c. 3), a terra negra bem prensada com fragmentos de tijolos e pedras (fig. 5, c. 3a), a terra castanha com telhas partidas e bem compactadas (fig. 5, c. 1d), a terra castanha solta arenosa com muitas pedras do rio (fig. 5, c. 3b), a terra castanha arenosa com poucas pedras (fig. 5, c. 5) e a terra castanha argilosa (fig. 5, c. 5a) são resultantes das pequenas e grandes remodelações e obras feitas no edifício desde os sécs. XI/XII até ao séc. XX¹⁷.

Apesar de ainda não completamente escavado e de a organização interna dos vários espaços já identificados estar só parcialmente entendida,

¹⁷ As alterações feitas no edifício durante a Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea, e de que resultaram os estratos referidos, serão analisadas em trabalhos posteriores. Para este artigo demos preferência aos elementos romanos identificados.



Lám. 13. Porta romana da 2.ª fase, existente na fachada Norte do edifício.

este edifício constitui, pelos vestígios que ainda preserva (lám. 14), o melhor exemplo conhecido em Portugal do que foi um balneario medicinal romano ¹⁸.

RESUMEN

Comenzamos el trabajo con una introducción general en la que se pone de manifiesto la escasez de estudios sobre el termalismo antiguo

¹⁸ Agradecemos ao Prof. Dr. Jorge Alarcão, bem como ao Prof. Theodor Hauschild, todo o apoio científico que nos deram e a disponibilidade que sempre tiveram para nos ajudar a resolver os problemas que a escavação deste sítio levanta, nomeadamente a nível de interpretação das estruturas. Também agradecemos a José Augusto Dias que participou na elaboração dos levantamentos de campo, ao Dr. José Luis Madeira, responsável pelos desenhos, e que juntamente com José Carlos Caetano nos fez reparos e sugestões de grande utilidade para o conhecimento que actualmente temos do monumento. Cabe ainda aqui um agradecimento a Câmara Municipal de S. Pedro do Sul por todo o apoio logístico que sempre nos dispensou durante os trabalhos de campo.



Lâm. 14. Vista geral da fachada Norte, virada ao rio Vouga.

en Portugal y la mala conservación de la mayoría de los restos conocidos. Pasamos, a continuación, a tratar del balneario de São Pedro do Sul, localizado en la feligresía de Várzea, ayuntamiento de São Pedro do Sul, provincia de Viseu, que es uno de los mejor conservados. Se realizaron algunas excavaciones en los años 50. No obstante, las investigaciones sistemáticas comenzaron en 1985. El edificio, de fundación romana, mantiene hasta hoy gran parte de la estructura primitiva, en la que pueden determinarse dos fases constructivas, de las que se dan sus características.

ABSTRACT

We start this report with a general introduction in which the scarcity of studies about ancient thermalism in Portugal, and the bad preservation of the majority of the known ruins, is shown. We continue with the spa of São Pedro do Sul, province of Viseu, one of the best preserved. Several dig-gins were made in the 50's. However, the systematic research started in 1985.

The building, of roman foundation, maintains today a big portion of its primitive structure, in wich two construction stages can be determined, whose characteristics are discribed here.

BIBLIOGRAFÍA

- ACCIAIUOLI, Luis (1944): *Aguas de Portugal*, 6 vols. Lisboa.
 — (1952-1953): *Le Portugal Hydrominéral*, vols. I-II. Lisboa.
 ALARCÃO, Jorge de (1988): *Roman Portugal*, 2 vols. Warminster.
 ALMEIDA, Ferreira de (1930): *Thermas de S. Pedro do Sul (Caldas de Lafões)*. Porto.
 BRANDÃO, Domingos de Pinho (1959): «Inscrições romanas do balneum de Lafões», *Beira Alta*, 18 (3-4). Viseu, págs. 229-264.
 FELIX, Francisco da Costa (1877): *Águas minero-medicinais*. Lisboa.
 FIGUEIREDO, C. J., Moreira de (1953): «Subsidios para o estudo da viação romana das Beiras», *Veira Alta*, 12 (1). Viseu, págs. 27-63; 12 (2-3). Viseu, págs. 153-207.
 — (1958): «Arqueologia Lafonense», *Beira Alta*, 17 (4). Viseu, págs. 351-389.
 — (1970): «As termas romas de S. Pedro do Sul». *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, II. Lisboa 1970, págs. 57-68.
 FRADE, Helena (1990): «As termas medicinais de época romana em Portugal», *Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga*. Coimbra (no prelo).
 GIRÃO, Amorim (1921): *Antiguidades pré-históricas de Lafões*. Coimbra.
 HENRIQUES, Francisco da Fonseca (1726): *Aquillégio Medicinal*. Lisboa Occidental, Off. da Música.
 MASCARENHAS, Augusto d'Oliveira (1885): *Memórias da antiga villa do Banho e Caldas de S. Pedro do Sul*. Viseu.
 MOREIRA, José Beleza (1991): «Acções de emergência e de recuperação do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro», *Actas das IV Jornadas Arqueológicas (Lisboa 1990)*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, págs. 93-98.
 OLEIRO, J. M. Bairrão (1955-56): «Termas de S. Pedro do Sul», *Humanitas*, nova série, 4-5. Coimbra, pág. 279.
 SANTOS, Eduardo dos (1967): «As termas de S. Pedro do Sul. Achegas para a sua história», *Beira Alta*, 26 (4). Viseu, págs. 477-514.
 — (1971): «As termas de S. Pedro do Sul. Elementos para a sua história», *Beira Alta*, 30 (4). Viseu, págs. 445-497.
 SILVA, Antonio Pires da (1696): *Chorografia medicinal das Caldas de Alafões*. Lisboa.
 SOUSA, Joaquim Baptista de (1840 a): «Primeira Memória sobre as Caldas de S. Pedro do Sul», *Jornal de Ciências Médicas*. Lisboa.
 — de (1840 b): «Segunda Memória sobre as Caldas de S. Pedro do Sul», *Jornal de Ciências Médicas*. Lisboa.
 TAVERES, Francisco (1810): *Instruções e cautelas praticas sobre a natureza, diferentes especies, virtudes em geral e uso legitimo das Aguas Minerais*. Coimbra.
Termas de Portugal. Associação Nacional dos Industriais de Aguas Minero-Medicinais e de Mesa (ANIAMM), Lisboa 1984.
 VALE, Lucena e (1949): «Antiguidades do banho de S. Pedro do Sul», *Beira Alta*, 8 (4). Viseu, págs. 435-437.